Quando o silêncio fala: a linguagem em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Ana Angélica Miranda Veloso*

Resumo: Este ensaio tem como objetivo analisar o uso da linguagem no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, considerada uma obra importante na composição da literatura afro-brasileira. Por meio da narrativa, o leitor tem acesso às lembranças da protagonista, que representam mais do que seu retorno ao passado ou “momentos de loucura”; concebem, na verdade, a relevância da cultura africana e afrodescendente e suas marcas na constituição da diversidade brasileira. O silêncio enquanto linguagem foi demonstrado a partir de autores como Marilena Chauí (2000), Eni Orlandi (2007) e Regina Dalcastagné (2012). Percebeu-se que os silêncios dos personagens, por meio de uma narrativa em terceira pessoa, ao invés de provocarem um distanciamento entre o leitor e a obra, geram aproximação. Isso porque possibilitam ao interlocutor perceber o que se encontra além do enredo e dos personagens, refletindo a condição humana no interior do país e nas favelas das grandes cidades brasileiras, sobretudo a condição imposta às mulheres negras. O silêncio utilizado como um atributo estético da linguagem literária permitiu o reconhecimento de que as classes marginalizadas são constantemente silenciadas, e que o discurso vigente é imbuído de poder, conforme conceito trabalhado por Michel Foucault (1996), das classes dominantes.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Linguagem; Silêncio; *Ponciá Vicêncio*; Mulher negra.

Abstract: This paper aims to analyze the use of language in the novel *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, considered an important work in the composition of Afro-Brazilian literature. Through the narrative, the reader has access to the protagonist's memories, which represent more than her return to the past or “moments of madness”; actually conceive the symbol of African and Afro-descendant culture and its marks in the constitution of Brazilian diversity. Silence as a language was demonstrated by authors such as Marilena Chauí (2000), Eni Orlandi (2007) and Regina Dalcastagné (2012). It was realized that the characters's silences, through the third person narrative, The third person, instead of causing a distance between the reader and the work, it generated approximation, by enabling the interlocutor to perceive what lies beyond the plot and the characters, reflecting the human condition in the interior of the country and in the slums of the big Brazilian cities, especially the condition imposed on black woman. The silence used as an aesthetic attribute of literary language made it possible to recognize that the marginalized classes are constantly silenced, and that the current discourse is imbued with power, according to the concept developed by Michel Foucault ([1970]1996), of the dominant classes.

Palavras-chave: Afro-brazilian literature; Language; Silence; *Ponciá Vicêncio*; Black woman.

---

* Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Ensaio realizado como atividade avaliativa da disciplina Literatura Brasileira Contemporânea, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fernanda Valim Cortês Miguel (UFVJM).

1. Introdução

Conceição Evaristo é uma escritora brasileira, negra, e doutora em Literatura Comparada (2011) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atuou como professora de pós-graduação, no Brasil e nos Estados Unidos, na área de história e cultura afro-brasileira e africana. Iniciou a publicação de seus contos e seus poemas em revistas e coletâneas em 1990 e, desde 2003, produz romances e coletâneas de poesias e contos publicados de forma independente.¹ Dentre os seus romances, o primeiro a ser lançado foi *Ponciá Vicêncio*, publicado pela primeira vez em 2003, e que faz parte da literatura afro-brasileira. Embora ainda existam indagações sobre a existência dessa literatura, conforme mencionado por Eduardo Duarte (2008), é fato que ela não só existe, como tem adquirido cada vez mais importância na contemporaneidade.

Para Duarte (2008), há elementos que fazem com que os textos sejam ou não considerados constituintes da literatura afro-brasileira: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor. Inicialmente, as narrativas classificadas como tal apresentam temáticas relacionadas ao povo negro, a exemplo da obra de Evaristo, em que Ponciá Vicêncio é apresentada como uma mulher negra saída de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, trabalhou muito, casou-se e perdeu sete filhos. Em toda a narrativa, a personagem protagonista lembra-se do passado em momentos que enfatizam a sua hereditariedade, a história do povo afro-brasileiro. Em segundo lugar, destaca-se a *autoria*, uma vez que para construir a identidade, os textos devem ser escritos por autores negros, o que também acontece em relação à Conceição Evaristo, escritora brasileira e negra. Assim, surge o terceiro elemento, o *ponto de vista*, segundo o qual deve existir uma identificação do autor com o tema dos textos, isto é, com a cultura, com as tradições do povo negro. Algo que é evidente em Evaristo ao retratar a herança afro na obra e as “escrevivências” – termo cunhado pela própria escritora, que diz respeito a uma escrita focada nas vivências, experiências e contexto social dos negros e que possibilita observar seu papel na representação das políticas públicas, assim como a afirmação da identidade e a concepção da alteridade (EVARISTO, 2018b).

Um quarto componente diz respeito à *linguagem*, que deve conter marcas de discursividade específica; nesse sentido, pode-se dizer que ao trabalhar a linguagem, a autora evidencia o sofrimento dos negros e a necessidade de que suas vozes sejam valorizadas. Além disso, demonstra as marcas da linguagem e da identidade desse povo, ainda que em meio aos silêncios ocasionados pela narrativa em terceira pessoa, sem marcações de diálogos. Por fim, o último elemento consiste em um *público leitor* afrodescendente. Percebe-se que a narradora de *Ponciá Vicêncio*, por meio do tema, do ponto de vista e da linguagem utilizados, objetiva principalmente permitir o

---

¹ Breve biografia da autora encontrada na “Apresentação” do livro *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2018, pela Editora Pallas.

reconhecimento identitário de outros personagens reais que vivem as mesmas condições que os personagens fictícios. Ambos precisam ter suas histórias resgatadas visando demonstrar o preconceito, a busca pela igualdade e a valorização da cultura afrodescendente. Dessa maneira, pode-se dizer que a escrita de Conceição Evaristo enquadra-se na literatura afro-brasileira, tendo como missão:

[...] a de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afrodescendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização (DUARTE, 2008, p. 22).

Isso é realizado pela “escrevivência” de Conceição Evaristo, em meio às lutas, experiências e estórias de Ponciá, cujas “viagens ao passado” representam mais do que a sua saudade diante das lembranças: demonstram, notadamente, a história, a memória e a identidade afrodescendentes, bem como a condição da mulher negra no Brasil.

Em *Ponciá Vicêncio* são narrados os acontecimentos da vida da protagonista, desde a infância até a fase adulta, por meio de divagações e lembranças. Ponciá é uma mulher negra, descendente de escravos. O texto, narrado em terceira pessoa, demonstra as dificuldades vivenciadas por seu avô, por seus pais e pelos demais moradores da região, sobretudo devido ao racismo e à exploração contra os negros, marcas deixadas pela escravidão. Além disso, com a mudança de Ponciá para a cidade grande, nota-se também a condição da população afrodescendente no Brasil, com desiguais condições. Nesse contexto:

Ponciá Vicêncio não entendia por que no povoado as pessoas temiam tanto a cidade. Algumas pessoas saíam e ficavam bem, entretanto, eles só relembavam, só repetiam os casos infelizes, as histórias de fracasso. Viviam contando o acontecido com Maria Pia. A moça havia se contaminado com uma doença do filho do patrão. [...] E o Raimundo Pequeno? Enganou-se com os amigos, crendo neles e seduzido pelo dinheiro que chegava tão rápido, aceitou vender tudo que eles traziam [...]. Outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada. Perdiam o pouco que tinham e ali mesmo viravam mendigos. Outros não conseguiam trabalho ou ganhavam pouquíssimo e não tinham como viver. A vida se tornava pior do que na roça. Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse tido um final feliz. Não lembrou (EVARISTO, 2018a, p. 31-32).

Para os negros que viviam na Vila Vicêncio, mudar-se para a cidade era abrir-se ao desconhecido, que não tinha nada a lhes oferecer; todas as pessoas negras que tentaram uma vida melhor em outro lugar passaram por situações de violência, racismo ou pobreza

extrema. A história dos negros no Brasil se faz em meio a lutas e sofrimentos, desde a escravidão. Como exemplo, ainda hoje há exploração de sua força de trabalho, com desiguais salários, demonstrado, por exemplo, nas seguintes ocasiões: na luta de Ponciá para conseguir um emprego e, quando começa a exercer a função de empregada doméstica, precisa trabalhar muitas horas por dia (mais que o previsto na legislação) recebendo um salário baixo; nas condições precárias de moradia e saneamento básico, já que Ponciá mal consegue economizar para comprar um “barraco” na favela e continua vivendo na miséria, utilizando latas de goiabada como pratos (EVARISTO, 2018a).

A própria sociedade impõe uma condição de subalternidade e de inferioridade a pessoas negras, o que advém desde o colonialismo. Essa condição é evidenciada no romance de Conceição Evaristo que, com base em suas “escrevivências”, explicita a real situação desse grupo, sendo Ponciá apenas uma demonstração de todo um conjunto de pessoas marginalizadas socialmente. Nesse contexto, Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998), esclarece que o discurso colonial é imbuído da verdade do Ocidente, que coloca a si próprio como uma representação modelo a ser seguida, com seus valores intocáveis, mostrando a sua verdade como a única que pode ser aceita e que deve ser reproduzida pelos povos colonizados, justificando a colonização com vistas ao “salvamento de uma gente” hierarquicamente inferior no sentido étnico-racial e cultural. O fato é que o processo de colonização trouxe impactos que permanecerão por toda a história. A exploração das terras e das pessoas, a dominação do espaço e do pensamento, o extermínio de tudo e de todos que eram contrários à conquista e manutenção do Império: isso fez com que os países dominados perdessem a sua origem ou se perdessem nesse novo “descobrimento” realizado pelos Impérios. Com base nisso, Fanon (2008, p. 34) menciona que:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.

Frantz Fanon (2008), por meio da antinomia opressores *versus* oprimidos, demonstra que o indígena (negro) foi um ser aprisionado nas ideias e imposições dos colonizadores, de modo a perder sua identidade pela negação do “eu”, ou seja, o negro fora condicionado pelo branco a partir da colonização e continua passando por situações de desigualdade com os resquícios do colonialismo. Isso ocorreu em todos os processos de colonização e em todas as partes do mundo, especialmente na África, e ainda se perpetua em relação a diversos grupos de pessoas, notadamente no que tange às pessoas negras.

2. A linguagem e os silêncios em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

2.1 Síntese do enredo

No romance *Ponciá Vicêncio*, é narrada a história de Ponciá, que mora com sua mãe, Maria Vicêncio, na Vila Vicêncio, onde vivem descendentes de escravos que receberam o sobrenome da família proprietária das terras. Seu pai e seu irmão trabalham para essa família no cultivo da lavoura, juntamente com outros habitantes do local e, de tempos em tempos, voltam para casa:

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda (EVARISTO, 2018a, p. 16).

O pai de Ponciá, devido à necessidade de trabalhar para sustentar a família, quase não vê os filhos e a esposa; ausenta-se para oferecer-lhes o mínimo de dignidade. Dessa forma, a principal figura masculina de quem Ponciá se lembra é o seu avô, mesmo que não tenha convivido com ele, o vô Vicêncio morreu quando ela era apenas um bebê. Em várias passagens do livro, frisa-se que Ponciá carrega uma herança do avô, fato que a deixa pensativa, sem compreender o que seria. Diante das dificuldades que passava, sobretudo a exploração e a violência, o avô da protagonista teve um momento de muito desespero, em que matou sua esposa e tentou suicídio, mutilando-se e ficando com um braço “cotoco” (EVARISTO, 2018a). Ponciá, apesar de tê-lo visto somente quando ainda era criança de colo, tem lembranças e caminha como ele — colocando o braço para trás, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Além disso, Ponciá apresenta traços de loucura, assim como o avô, explicitado pelas ausências, por suas divagações percebidas principalmente por seu marido, e que podem representar uma “saída de si mesma” (EVARISTO, 2018a) diante da pobreza, do racismo, da violência sentida de todas as formas pelos personagens (avô e neta) negros: a loucura leva a uma ausência na busca por algo, ainda que seja o esquecimento da condição desigual. O marido da protagonista é quem mais percebe os momentos em que ela parece não estar ali; seu corpo continua firme, mas sua mente se esvai:

O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. Impossível tanta lerdeza, tanta inanição em quem era tão ativa. Era verdade que, desde os primeiros tempos que a conheceu, ela às vezes já ficava assim, paradona. Parecia que ela fugia dela, mas, quando retornava, chegava ativa como sempre. Agora não. As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio (EVARISTO, 2018a, p. 78).

Para Elen Silva e Sebastião Cardoso (2018), Evaristo trabalhou a loucura de forma generosa e humana, por um sistema comportamental que afeta os seres humanos, colocando o desafio da normalidade. Por meio da loucura de Ponciá, percebe-se a busca por uma identidade perdida ou negada, o “eu incompleto” apresentado, inclusive, com a falta do sobrenome familiar, já que todos os habitantes da vila receberam o sobrenome dos donos da terra, impossibilitando-lhes a marca identitária (SILVA; CARDOSO, 2018).

Ponciá sai da Vila Vicêncio e vai para a cidade à procura de melhores condições de vida para si, seu irmão e sua mãe, após a morte de seu pai. No entanto, a situação que encontra é bem diferente: consegue um emprego com dificuldade; recebe pouco; vive em situação de miséria, ao lado de um marido que ora apresenta atitudes carinhosas, ora violentas; perde sete filhos antes de nascerem; passa por situações de tristeza e desigualdade, que a fazem “sair de si” e resgatar a memória como fuga da realidade, com o fim de se compreender e se completar (SILVA; CARDOSO, 2018). No fim do texto, ao reencontrar sua mãe e Luandi (seu irmão), Ponciá volta a si buscando sua identidade:

E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem contudo se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir (EVARISTO, 2018a, p. 104).

No momento do reencontro com seus parentes, Ponciá tenta relacionar a sua história: seu passado na Vila Vicêncio quando, apesar das dificuldades, acreditava ser uma criança feliz; seu presente na cidade, buscando melhores condições, mas encontrando violência e desigualdade; e seu futuro, para o qual ainda poderia existir esperança. A loucura da protagonista consegue reunir toda a sua vida, pelo menos em seus pensamentos, na expectativa de encontrar-se a si mesma e ser reconhecida como um ser humano como qualquer outro, sujeito dos mesmos direitos, especialmente a igualdade.

2.2 A linguagem (literária) do silêncio e a voz da mulher negra na literatura

Hilton Japaissú e Danilo Marcondes, no *Dicionário básico de filosofia* (1990), definem o silêncio, para a filosofia, não como a ausência de ruído, mas sim como a abolição da palavra ou mesmo da linguagem, existindo, no entanto, um sentido por detrás dessa inexistência que, por sua vez, pode ser relativa.² De acordo com Heidegger (1996), a linguagem é um importante elemento da humanidade e, a partir dela, desvela-se a verdade do ser. Para ele, a linguagem é a origem do mundo e o fundamento de todas as significações

---

² A inexistência da linguagem é relativa, por exemplo, na literatura, quando ocorre a linguagem por parte do narrador-observador (em 3ª pessoa), mas ela se ausenta em relação aos personagens.

que são realizadas pelo e para o ser. Desse modo, o silêncio passa a ser uma forma de contemplação e, por conseguinte, de elaboração de significados, inclusive para se conhecer a si mesmo. O silêncio, para Heidegger (1996), fala da linguagem e impulsiona a cada um o olhar para dentro de si, de modo que o indivíduo possa se efetivar enquanto ser. Em suas palavras, “o dizer do pensamento vem do silêncio longamente guardado e da cuidadosa clarificação do âmbito nele aberto” (HEIDEGGER, 1996, p. 51). O silêncio, pois, não se trata da ausência de palavras, mas sim uma forma de linguagem e, portanto, um discurso que tem muito a dizer.

Eni Orlandi (2007) estabelece uma distinção entre o “silêncio fundador” ou “silenitude” e a “política do silêncio” ou “silenciamento”. Na “silenitude”, os silêncios dão espaço às expressões linguísticas e às atribuições de sentido, ou seja, esse sentido não está ausente em meio ao silêncio, abrindo possibilidades para sua criação. Por outro lado, o “silenciamento” é um apagamento da linguagem quanto da comunicação, isto é, seleciona-se aquilo que pode e deve ser dito com base em uma relação de dominação — ou *discurso do poder*, como em Foucault (1996 [1970]). Desse modo, “o silêncio não fala, ele significa” (ORLANDI, 2007, p. 42). No mesmo sentido, conforme aduz Marilena Chauí (2000, p. 69), “[...] nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias”. O discurso está estritamente ligado à linguagem, de modo que cada um possui a escolha de dizê-la, deformá-la ou silenciá-la. Como a linguagem “encarna” significações, ela pode ser dita ou não-dita (silenciada). Assim sendo, a ideologia utiliza o silêncio para manifestar os interesses da classe dominante (CHAUÍ, 2000).

No que tange à obra *Ponciá Vicêncio*, trata-se de uma narrativa em terceira pessoa, mas que permite uma aproximação com os personagens devido à forma poética e fragmentada com que a linguagem é empregada. Assim, o leitor passa a conhecê-los e a compreender as suas dificuldades, lutas e desejos. O narrador observa os personagens e se preocupa com seus interesses, utilizando uma linguagem precisa para retratar episódios densos (SILVA; CARDOSO, 2018). No início da obra, por exemplo, o narrador estabelece quem seria Ponciá na infância, apenas uma menina feliz e que gostava de brincar, sonhar e imaginar; estava contente em sua vida simples, no interior do Brasil, e nem percebia o tempo passar:

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até ao chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um

dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até ao céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher que lhe correspondeu o sorriso (EVARISTO, 2018a, p. 13).

Em relação ao uso da linguagem e das palavras, percebe-se que os personagens falam pouco. A história acontece de forma pausada (escrita fragmentada), nas entrelinhas, o que faz com que o leitor imagine as situações e busque a representação dos personagens e de seus perfis (ORLANDI, 2007). Nesse sentido, o trecho abaixo representa algo que é realizado em todo o romance: a fragmentação da escrita, por meio de pontos e frases curtas, imbuídas de significação, uma vez que o enredo retrata a vida sofrida de Ponciá e seus familiares. Isso produz para o leitor imagens da cena e dos personagens; conjuntamente, possibilita criar hipóteses sobre o que eles estariam pensando e sentindo:

Naquela tarde, Ponciá Vicêncio olhava o arco-íris e sentia um certo temor. Fazia tanto tempo que ela não via a cobra celeste. Na cidade, depois de tantos anos fora da terra, até esquecia de contemplar o céu. Entretanto, desde cedo, ao acordar com a costumeira angústia no peito, sem querer olhou o céu, como se pedisse a Deus em socorro. Estava, porém, arrependida. Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. Agora sabia que não viraria homem. Por que o receio então? Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que, se virasse homem, que mal teria? Relembrou do primeiro homem que conhecera em sua família (EVARISTO, 2018a, p. 14).

Na passagem, o leitor consegue perceber todo o temor sentido por Ponciá por meio da linguagem poética e fragmentada utilizada na narrativa. Ponciá, quando criança, sentia-se feliz e parecia ter todo o tempo do mundo para sonhar e apreciar as pequenas coisas da vida, como o arco-íris, embora sentisse medo em decorrência das histórias que lhe eram contadas (se ela passasse debaixo de um arco-íris, poderia ser transformada em homem). Já na fase adulta, apesar de saber que as histórias ouvidas na infância não eram reais, Ponciá continua temendo olhar para o céu; talvez, porque agora não há tanto o que imaginar, não há tempo para admirar as belezas da natureza. Ver um arco-íris é comprovar, para Ponciá, que ela tem somente o agora e como sua vida presente traz duras realidades – pobreza, racismo e violência – o medo vem à tona ainda mais forte, pois ela não sabe o que é necessário fazer para melhorar as suas condições. Regina Dalcastagné (2012), ao analisar outra obra, traça uma perspectiva que também poderia ser empregada para o romance de Conceição Evaristo:

Assim, o autor produz um duplo distanciamento em que a autorreflexividade é absorvida pela ficção; o que parece indicar simultaneamente que tudo isso é fictício, mas também que tudo é real, de modo que se inverte a hierarquia representativa literária tradicional. No discurso narrativo realista, o recuo do narrador em terceira pessoa implicava profundidade à intimidade da primeira pessoa, e havia uma hierarquia de proximidade subjetiva à vivência narrada (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 74-75).

Em *Ponciá*, as ações das personagens são bem descritas, mas sem que elas precisem dizer nada. A linguagem é importante para perceber a formação do discurso que, na verdade, é feito sem diálogos. Usa-se o silêncio proposital como forma de revelar o discurso. Sendo assim, o silêncio não é sem sentido, nem vazio, pois consegue dizer mais do que as palavras (ORLANDI, 2007). A narrativa sem diálogos demonstra a condição dos negros no Brasil, isto é, enfatiza a condição de silenciamento que foi imposta, desde a colonização, aos grupos de pessoas socialmente marginalizadas, cujas vozes são expandidas por meio de um outro, que toma o lugar no discurso para ir de encontro aos parâmetros da classe dominante: a burguesia branca, masculina, heteronormativa, grafocêntrica e logocêntrica, que controla a escrita e o pensamento (REIS, 1992). O narrador de *Ponciá*, portanto, é quem revela os acontecimentos do enredo e os sentimentos dos personagens, denunciando o passado histórico desigual vivido pelos povos negros, e que se perpetua ainda hoje. Isso pode ser percebido, por exemplo, no reencontro entre Ponciá, sua mãe e seu irmão no final da narrativa:

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela, no rosto sofrido, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou; o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver.

Luandi José Vicêncio olhava o rosto conturbado da irmã que caminhava em círculos. Ela era bonita, muito bonita. Desde pequena trabalhava tão bem o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos. Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino (EVARISTO, 2018a, p. 102-103).

Tanto a mãe quanto o irmão de Ponciá enxergam nela uma multiplicidade de pessoas, ou seja, percebem e relembram histórias de diversas pessoas negras que vivenciaram e que continuam vivenciando a exclusão social e o sofrimento diante do racismo. E tudo isso é percebido por meio da estruturação do texto, em que foram utilizadas palavras para demonstrar como elas se conectam e formam um discurso em que o silêncio é protagonista, no qual se diz muito ao não “dizer nada”. Unem-se as partes para que se possa entender as perspectivas e emoções a partir da narrativa em terceira pessoa, sendo o todo apreciado por meio da interpretação do leitor. O silêncio, em *Ponciá Vicêncio*, tem um sentido profundo ao evidenciar o silenciamento dos afro-brasileiros como uma marca histórica que perdura até os dias de hoje e que tem como consequências condições precárias de saúde, saneamento básico, educação, bem como discriminações e desigualdades em diversos outros campos, sinalizadas com o racismo. Assim sendo, a linguagem desenvolvida na narrativa pode ser compreendida também como uma incitação à alteridade, à busca e ao encontro com o “outro”. Na literatura brasileira contemporânea:

Revela-se um fascínio em torno de vozes e depoimentos de uma realidade excluída, que agora ganha espaço na chamada literatura marginal que conjugam os temas da realidade social brasileira ao compromisso com a inovação das formas de expressão e das técnicas de escrita. Abrem, desta maneira, caminho para um outro tipo de realismo, cuja realidade não se apoia na verossimilhança da descrição representativa, mas no efeito estético da leitura, que visa a envolver o leitor afetivamente na realidade da narrativa (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 59).

É a linguagem que faz diferença na obra; o narrador trata da realidade de Ponciá de uma forma singular, a partir do efeito estético da linguagem literária (que, por vezes, é “silêncio” e introspecção). Desse modo, constitui-se o novo realismo na literatura: a partir da transformação da linguagem e da expressão que privilegiam o que há de mais sensível na escrita (DALCASTAGNÉ, 2012). Como é evidenciado no trecho do romance, a partir das divagações e lembranças de Ponciá, o ato da personagem de “sair de si” é a forma de ela encontrar-se consigo mesma:

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto, que até esquecia da janta e quando via o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum

lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (EVARISTO, 2018a, p. 18).

Do mesmo modo:

Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo, com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu (EVARISTO, 2018a, p. 38).

Por meio dos trechos, nota-se que o narrador é aquele que fala pelo outro, representando-o. É importante notar quem é esse outro e o que seu silêncio esconde, uma vez que a literatura tem dado “acesso à voz” aos grupos marginalizados socialmente, cuja identidade coletiva é desvalorizada pela cultura dominante. Os grupos dominados são silenciados, excluídos, impossibilitados de “falar com autoridade”, não existindo o reconhecimento de que seu discurso tem valor e merece ser ouvido. Contudo, a literatura contemporânea tem freado essa prática excludente, considerando a diversidade de vozes como algo que tem importância política, social e cultural (SCHOLLHAMMER, 2009). Em diversos momentos, a obra analisada retrata as condições de pobreza e a precariedade em que vivem inúmeros cidadãos brasileiros, sobretudo negros:

O homem de Ponciá Vicêncio remexeu na cama. O movimento dele foi até ao fundo do estado de torpor a que Ponciá estava entregue, despertando-a de seus pensamentos-lembranças. Ele, ao lado dela, ressonava tranquilo, como se estivesse com a vida resolvida. Deus meu, será que o homem não desejava mais nada? Para ele bastava o barraco, a comida posta na lata de goiabada vazia? O pó, a poeira das construções civis, o gole de pinga nos finais de semana? O papo rápido com os amigos? Será que só isso bastava? Às vezes, ela percebia nele um vislumbre de tristeza. Tinha vontade então de abrir o peito, de soltar a fala, mas o homem era tão bruto, tão calado. Nem quando ela o conheceu, nem quando ela e ele sorriam e se amavam ainda, Ponciá conseguiu abrir para ele algo além do que seu corpo—pernas (EVARISTO, 2018a, p. 37-38).

Além da vulnerabilidade social apresentada pelo narrador, percebe-se também o silenciamento de Ponciá diante do próprio marido, por receio ou por medo. Em meio as condições desfavoráveis impostas pela sociedade (de moradia, de saneamento básico, etc), especialmente aos negros, a mulher negra possui, ainda, uma dupla exclusão: pela sua cor e por uma visão machista que a torna submissa, restando a ela somente lembranças e

sonhos. Ao pesquisar sobre a identidade da mulher negra na poesia, Douglas Sousa (2015) faz importantes considerações, que podem ser empregadas do mesmo modo para as narrativas. Segundo ele, a literatura tenta recriar uma nova realidade, representando, por exemplo, a figura feminina negra em face da discriminação vivenciada historicamente. A escrita pode conter traços identitários do sujeito negro, que utiliza as palavras como forma de protesto, resistência e afirmação da identidade étnica e de gênero; expressa para não permitir que o outro (homem, branco, com classe econômica elevada) faça isso em seu lugar e de forma distorcida, como ocorria na literatura colonial. Em tese:

[...] o negro buscou adquirir a capacidade de contestar não somente contra uma matriz étnica branca e dominante que o oprimia, como também contra uma matriz literária em torno de sua representação na literatura. Essa literatura que assume características identitárias, engajada com seu tempo e que se entrelaça a vários fatores sociais [...] (SOUSA, 2015, p. 4).

Por meio de uma nova perspectiva, advinda tanto com estudos teóricos (como os estudos culturais, os estudos pós-coloniais, os estudos de gênero, a literatura comparada) quanto com movimentos sociais (movimento negro, feminista, LGBTQIAPN+ etc.), houve uma série de transformações. Estas inclusive na literatura, possibilitando novas visões e pontos de vista, ao valorizar a voz dos excluídos e evidenciar questões históricas e sociais que problematizam a ordem da cultura e permitem a construção de identidades permeadas pela multiplicidade.

Paulina Chiziane, no ensaio “Eu, mulher... por uma nova visão de mundo” (2016), lembrou-se da opressão do sexo feminino imposta pela sociedade. Ao recordar de sua vida, descreve sobre as histórias que sua avó lhe contava: quando existiam mulheres, ou elas possuíam boas qualidades (o que significava bondade, submissão e obediência), ou eram más, feiticeiras, rebeldes, preguiçosas; assim, seriam recompensadas com um casamento feliz e com filhos, ou seriam repudiadas, respectivamente. Contudo, à medida que foi se tornando adulta, Chiziane percebeu que às mulheres cabem mais opções: notou que uma mulher pode escrever (e bem), ainda que precise trabalhar muitas vezes mais que um homem se objetivar ser reconhecida. A literatura afro-feminina, de acordo com a escritora moçambicana, possui muitas dificuldades a serem superadas, entretanto é o que ela deseja (e sente que precisa) continuar fazendo com o fim de levar às outras mulheres negras (e a todas as pessoas) histórias de luta e superação que atinjam reconhecimento.

A historiografia literária demonstra que ainda há vazios e omissões, silenciamento de vozes das parcelas à margem da sociedade. No entanto, apesar de fatores desfavoráveis, com a emergência de novos sujeitos que reivindicam sua incorporação no discurso social (e literário), abrem-se espaços para uma literatura mais diversificada e rica, com valorização de vozes femininas e negras. Surge uma “escrita feminina” e ao mesmo tempo uma “escrita

negra”, que ajudam a florescer uma literatura de identidades. Duarte (2005) diz que há quem defenda que escrita não tem cor nem sexo, que a arte, incluindo-se a literatura, não deve ser adjetivada com essas características e buscar apenas sua essência, todavia:

[...] é o caso de se indagar a quem serve esse essencialismo. Não estará ele comprometido com o absolutismo de um pensamento que por séculos impôs outras essências tidas também como sublimes e absolutas, com a finalidade básica de perpetuar hierarquias e naturalizar a exclusão? (DUARTE, 2005, p. 117).

Ao considerar essa indagação, conclui-se que as vozes esquecidas na literatura devem ser expostas, enfatizando uma escrita de gênero e uma escrita de cor, visando a desconstruir a narrativa eminentemente de homens brancos que perdurou durante tantos anos (DUARTE, 2005). Pensar a escrita afro-feminina é defender um movimento de resistência, colocando as mulheres negras enquanto sujeitos de suas histórias, de maneira humanizada e digna, rompendo estereótipos (como, por exemplo, o tratamento conferido às personagens afro-femininas; em muitos textos, as mulheres negras eram consideradas apenas como “mulatas fogosas” e usadas de forma objetificada) e propondo novos olhares (FERREIRA; MIGLIOZZI, 2016).

Para Amanda Ferreira e Luiz Carlos Migliozi (2016), a palavra é importante por ampliar a voz de grupos marginalizados; a linguagem escrita, mais precisamente, permitiu que mulheres negras pudessem ter suas histórias lidas por várias outras pessoas, que podem se identificar e/ou estabelecer uma relação de alteridade. A literatura afro-feminina revela quem é a mulher negra e as situações a que, ainda nos dias de hoje, ela está submetida, necessitando lutar por seus direitos: ao alimento, à moradia, ao trabalho, ao corpo, à sexualidade e tantos outros. Nas palavras de Evaristo:

Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 205 apud FERREIRA; MIGLIOZZI, 2016, p. 4).

Com o crescente questionamento a respeito do multiculturalismo e com a percepção das diversas formas de discriminação, os silêncios que dizem muito em *Ponciá Vicêncio* retratam a necessidade da valorização das vozes marginalizadas social e culturalmente, também salientado em outras obras literárias, o que realça a importância da literatura.

Antonio Candido, em “O direito à literatura” (2011) coloca que a geração atual é a primeira que poderia ter uma ideia de solução para as desigualdades e injustiças, conquanto a barbárie continue crescendo. Segundo ele, para que se pense nos direitos humanos, é necessário considerar que o que é indispensável para si, também é essencial para o “outro”. Nesses termos, indaga-se se a literatura entraria no rol de direitos fundamentais aos seres humanos, haja vista que se trata de uma necessidade universal por permitir questionamentos da realidade, ao denunciá-la por meio da ficção (CANDIDO, 2011). A literatura:

[...] tem um instrumento poderoso de instrução e educação, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas dominante (CANDIDO, 2011, p. 177-178).

Com efeito, a literatura torna-se importante para a construção da cidadania, uma vez que possibilita ao indivíduo a oportunidade de se engajar na sociedade, tornando-se agente questionador e ativo, ampliando e fomentando seus conhecimentos e experiências. Ademais, o texto literário, ao utilizar a linguagem como a expressão dos desejos humanos, permite que seja escrito aquilo que se pensa ou se sente e a interpretação de uma sociedade em determinado período histórico, como em Ponciá, que retorna ao passado realçando a escravidão e, a partir daí, chega ao presente enfatizando que as desigualdades e a discriminação permanecem, de uma forma ou de outra:

Depois de andar algumas horas, Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajudavam a lavrar a terra (EVARISTO, 2018a, p. 41).

Assim sendo literatura, ao mesmo tempo em que denuncia algumas questões (preconceito, desigualdades, etc.) a partir de histórias ficcionais, mas que representam a realidade de muitas pessoas, possibilita também o (re)conhecimento das vivências do “outro”, desenvolvendo-se a “outridade”.³ A literatura, no entendimento de Candido (2011), possui um caráter humanizador, uma vez que permite a análise de diversas situações por meio de denúncias que trazem à tona as próprias condições em que as sociedades vivem,

---

³ O termo “outridade”, tal como utilizado nesta dissertação, foi cunhado pelo poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz.

suas injustiças e desigualdades. Desse modo, todos deveriam ter direito à literatura e, por conseguinte, aos vazios que ela consegue preencher.

No entanto, é necessário considerar também que o próprio termo literatura e o seu conceito (compreendido como a arte que é manifestada por meio das palavras) estão carregados de preconceitos, por possuir uma dimensão grafocêntrica e por ter sido imposta pelos colonizadores. Candido (1989), em “Literatura de dois gumes”, faz uma analogia com os dois lados da faca para representar o outro lado da literatura, isto é, o seu viés impositivo, uma vez que os padrões estéticos da obra literária europeia foram incorporados no Brasil desde o período da colonização, em detrimento de manifestações artísticas-culturais de outros povos (indígenas, africanos, etc.) e compelindo uma forma do fazer literário. Nas palavras do crítico literário, em *Iniciação à Literatura Brasileira*:

Portanto, como toda a cultura dominante no Brasil, a literatura culta foi aqui um produto da colonização, um transplante da literatura portuguesa, da qual saiu a nossa como prolongamento. No país primitivo, povoado por indígenas na Idade da Pedra, foram implantados a ode e o soneto, o tratado moral e a epístola erudita, o sermão e a crônica dos fatos (CANDIDO, 1999, p. 11-12)

Há de se considerar, dessa maneira, a dupla função da literatura: seu caráter humanizador e seu viés “civilizatório” ou “colonizador”. A verdade é que, durante muito tempo, o eurocentrismo dominou os diversos setores da sociedade e da arte, incluindo a literatura, de modo que as obras literárias eram majoritariamente escritas por homens, brancos e de classe social elevada, para serem lidas por leitores de condições semelhantes. Os livros considerados canônicos eram aqueles que representavam a “sociedade tradicional”, a riqueza, o luxo, as perfeições do herói, as mulheres objetificadas na condição de musas. Mesmo quando as histórias se tornaram mais próximas da realidade, apresentando as mazelas e os problemas individuais e coletivos, não se valorizavam os escritores que faziam parte das parcelas marginalizadas da população. Segundo explica Thomas Bonicce (2012), o cânone literário era restrito ao conjunto de obras escolhidas por um grupo social e político que dominava e consagrava esses textos como excelentes, do ponto de vista estético e, conseqüentemente, únicos “dignos de serem lidos”.

As literaturas africanas, americanas e indígenas, isto é, com histórias produzidas em países que foram colonizados por potências europeias, sobretudo Inglaterra, Portugal, Espanha e França, passaram a ter mais evidência a partir dos anos 1970 e, sobretudo, dos anos 1980, com o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais, com campo de atuação abrangendo a teoria e a crítica. Essas obras literárias passaram a receber notoriedade, ao criticarem os conceitos culturais e problematizarem as tradições históricas, valorizando e expandindo as vozes das classes minoritárias por meio da literatura.

Assim, os sujeitos apresentados nas narrativas pós-coloniais demonstram as vivências das sociedades independentes da colônia, mas que continuam revestidas de preconceitos e não aceitação das diferenças culturais, raciais e sociais, demandando uma análise das histórias das minorias para compreender como o outro pensa, de que forma essas questões refletem em sua vida e o que pode ser feito para transformar a situação desigual, bem como para a evolução dos estudos literários. De acordo com Fornos (2013), o que as narrativas pós-coloniais fazem é transferir as histórias do centro para as periferias, expondo a transculturalidade e o hibridismo social e fazendo com que as histórias dos excluídos passem a ser reconhecidas. Por isso, a importância da obra *Ponciá Vicêncio*, que ressalta a condição de subalternidade do povo negro e, por meio do silêncio da linguagem, faz sobressair a voz de tantas mulheres negras e batalhadoras, valorizando seu passado e seu presente, enfim, suas histórias.

3. Considerações finais

A história brasileira é marcada pela diversidade de povos e culturas que, no entanto, não são valorizados com igualdade, o que é refletido nas próprias condições sociais em que as pessoas vivem. Dessa forma, Ponciá representa o povo afro-brasileiro, que herdou as tradições culturais ricas de um povo, contudo, herdou também as situações desiguais e precárias no que diz respeito à moradia, à alimentação, ao emprego, entre outras.

A protagonista da história sai da vila onde vivia em busca de melhores condições na cidade, no entanto, encontra ainda mais pobreza e violências nas suas diversas formas. Por meio de suas recordações, em momentos de loucura, Ponciá sai de si e reconstrói a história de seu povo e sua memória, mediante as vivências do avô, do pai e da mãe, como uma forma de buscar a sua própria identidade, bem como a identidade afrodescendente.

A obra de Evaristo diz muito sobre a condição das classes marginalizadas no Brasil (e na literatura), constituindo-se como uma fonte de história e memória afro-brasileira; por meio do enredo, é possível perceber a necessidade de valorização das vozes excluídas. Os silêncios, representados por meio da narrativa em terceira pessoa com pouquíssimos diálogos, permitem a percepção de cada personagem e seu silenciamento histórico, o que é evidenciado neste ensaio, sobretudo mediante a análise da protagonista: Ponciá é inventada, contada, narrada, sem fala; ao mesmo tempo em que se apresenta como um personagem fictício, é a representação de pessoas reais, cuja voz deve ser valorizada na literatura afro-brasileira, por meio de histórias que não devem ser lidas “para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2018b).

Referências

- BHABHA, Homi Kharshedji. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONICCI, Thomas. Teoria e crítica Pós-colonialistas. In: BONICCI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. 2 ed. Maringá: Eduem, 2012. p 223-239.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 163-180.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão de mundo*. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 1, n. 31, p. 11-23, jan./jul., 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231171186.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afro-descendência. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. p. 113-131.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018a.
- EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. [Entrevista cedida a] Ana Paula Acauan. *Revista PUC/RS*, Porto Alegre, v. 1, n. 187, p. 36-38, jul./set., 2018b. Disponível em: https://www.pucrs.br/revista/wp-content/uploads/sites/136/2018/07/revista_pucrs-0187.pdf. Acesso em: 25 maio 2023.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Amanda Crispim; MIGLIOZZI, Luiz Carlos Ferreira de Melo. Literatura afro-feminina brasileira do século XXI: corpo, voz, poesia e resistência. In: ENCONTRO ABRALIC, 15., 2016, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524538.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

FORNOS, José Luís Giovanoni. Pós-colonialismo e literatura: notas sobre a identidade na narrativa de Luís Cardoso. *Antares, Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, p. 115-133, 2013. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/150>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HEIDEGGER. *Os pensadores*: Heidegger. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Silêncio. In: JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 228.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 2007.

REIS, Ricardo. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 1-17.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Elen Karla Sousa; CARDOSO, Sebastião Marques. Ponciá Vicêncio: rastros de memória e ficção. *Kwanissa: Revista De Estudos Africanos E Afro-Brasileiros*, São Luís, v. 1, n. 2, p. 55-70, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/8690/5693>. Acesso em: nov. 2022.

SOUSA, Douglas Rodrigues de. A construção da identidade da mulher negra na poesia de Elisa Lucinda. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE MULHER E LITERATURA, 14.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 5., 2011, Brasília. *Anais [...]*. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2012/02/douglas_rodrigues.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

Recebido em 11 de abril de 2023

Aceito em 18 de maio de 2023